



Rigor mortis: o corpo como cadáver e estátua na fotografia de moda

Neves, Pedro Pinheiro; pedro_pneves@hotmail.com

Resumo

De Horst a Steven Meisel, de Guy Bourdin a Tim Walker, um tropo recorrente na fotografia de moda é a representação de modelos como estátuas, manequins e cadáveres. Considerando as características associadas a estes corpos sem vida - beleza idealizada, rigidez, frieza, imobilidade, intangibilidade – percebemos que talvez o tropo apenas radicalize e torne literais certas características desde sempre associadas às imagens femininas de moda, com seus corpos esguios e elásticos e seus rostos inexpressivos. O fascínio da moda pelo corpo como objeto inanimado e matéria inorgânica é um tema abordado por autores como Baudelaire (1996) e Walter Benjamin (2002). O que nos interessa neste trabalho é pensar a moda – e, em particular, a fotografia de moda – como palco para a encenação de ansiedades relativas à morte e ao corpo e como arena onde mitos sobre sexualidade e gênero são atualizados e contestados. Pondo em diálogo o pensamento de Michel Serres (2015) e Kenneth Gross (1992) sobre a categoria da estátua e o conceito de abjeto de Julia Kristeva (1982), buscamos entender o corpo figurado pela moda como o resultado de idealizações e recalques que trabalham para apagar a instabilidade das fronteiras do corpo e a realidade da decadência orgânica. Os corpos rígidos e inertes das manequins podem ser indícios da erotização da opressão feminina, da repressão do corpo orgânico e do aparelho reprodutivo e da liberdade de movimento e decisão; é possível, entretanto, que o glamour mortífero também revele outros desejos e fantasias que apontem para objetificações de outra ordem, para a passividade como signo de recusa e de resistência a formas de vida e sociabilidade: vontades de pedra.